

# COOPERATIVISMO: UMA PROPOSTA ECONÔMICA ROMÂNTICA DE MUDANÇA DE VIDA PARA ÍNDIOS E NEGROS DE AQUIRAZ-CE.

Racquel Valério Martins – Universidad de Salamanca<sup>1</sup>  
Renato Alves Vieira de Melo – Universidad de Salamanca<sup>2</sup>

## Resumo

Este artigo analisa a maneira como problemas enfrentados por comunidades de índios e negros da cidade de Aquiraz-Ce, estimulam a formação de cooperativas. O material utilizado para consideração dos dados aqui expostos foi adquirido por meio de observação participante, entrevistas semiestruturadas, pesquisa documental, revisão bibliográfica. A partir de confrontos do ponto de vista do investigador com o ponto de vista dos indígenas e quilombolas investigados, o tema do Cooperativismo é abordado, como uma proposta de mudança de vida, com geração de renda, para esses povos, o que deve levar a uma transformação desse pedaço do Brasil, a partir da melhoria da educação local.

**PALAVRAS-CHAVE:** Índios, Negros, Educação e Cooperativismo.

## Resumen

*Este artículo analiza la manera como los problemas enfrentados por comunidades de indios y negros en la ciudad de Aquiraz-Ce, ayudan en la formación de cooperativas. El material utilizado para el examen de los datos de este documento, se adquiere a través de la observación participante, entrevistas semi-estructurada, la investigación documental y revisión de la literatura. A partir de confrontes de la mirada del investigador con la mirada de los indígenas y quilombolas investigados, el enfoque de la temática del Cooperativismo es de una propuesta de cambio de la vida, la generación de ingresos para estas personas, que puede conducir a una transformación en esta parte de Brasil desde la educación allí ubicada.*

**PALABRAS-CLAVE:** Indios, Negros, Educación y Cooperativismo.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação na USAL - Universidad de Salamanca; Mestre em Antropologia de Iberoamérica pela USAL - Universidad de Salamanca; Possui graduação em Ciências Econômicas pela Universidade de Fortaleza - UNIFOR (1999); Pós-Graduação na Área Administrativa - Curso de Formação de Profissionais da Área de Gás pela Universidade de Fortaleza (2000); racquelm@gmail.com

<sup>2</sup> Doutorando em Ciências Sociais pela Universidade de Salamanca; Mestre em Antropologia de Iberoamérica pela Universidade de Salamanca na Espanha; Mestrado em Ciências Contábeis pela Fundação Getúlio Vargas. Email: auditorrenato@gmail.com

## INTRODUÇÃO

O Cooperativismo surgiu no final do século XVIII e início do século XIX na Inglaterra, França, Alemanha e em outros países da Europa. No contexto brasileiro surgiu um pouco mais tarde. Apesar da cultura da cooperação ser observada desde o período da colonização portuguesa, esse processo emergiu no movimento cooperativista brasileiro no final do século XIX, e de meados do século XX até os dias atuais, passou por três distintas fases (crescimento, crise e recuperação) que estão relacionados ao contexto econômico nacional.

Por tratar-se o cooperativismo de um fenômeno moderno, podemos entendê-lo como um movimento social produzido por uma época de péssimas condições de vida da classe trabalhadora. Transportamos, portanto, esse entendimento para duas “famílias” específicas dos movimentos sociais: indígenas e quilombolas da cidade de Aquiraz, Ceará, que são comunidades pobres e submetidas a uma educação limitada e desestruturada, e que a anos lutam por seus direitos e atualmente são conscientes que podem a partir do conhecimento transformar suas realidades.

A partir de uma exposição dos problemas enfrentados pelas comunidades, entendendo tais problemas como motivos para a formação de cooperativas, bem como entendendo a multiculturalidade, característica de nossa sociedade, e em especial dos índios e negros de Aquiraz, este artigo contribui para a discussão de uma educação que atenda essa realidade o que é um dos desafios, quiçá dos mais urgentes, do século XXI. A partir de nosso ponto de vista enquanto observador, confrontado com o ponto de vista daqueles que pertencem às comunidades Jenipapo- Kanindé e Lagoa de Ramos e Goiabeiras (estratégias emic e etic)<sup>2</sup>, conjuntamente com uma revisão bibliográfica e com o resultado da pesquisa documental e das entrevistas realizadas no desenvolvimento da dissertação do mestrado em Antropologia no ano de 2014, chegamos ao entendimento do multiculturalismo intercultural, encontramos no cooperativismo uma proposta de mudança de vida, com geração de renda, para esses povos, proporcionando uma transformação desse pedaço do Brasil, a partir da melhoria da educação local.

### 1. O Cooperativismo suprindo necessidades de indígenas e negros de Aquiraz-Ce.

De acordo com Gawlak (2004), a história relata que os problemas de adaptação à nova cultura, carência de estradas, e de escolas, de discriminação racial, foram alguns dos que contribuíram para a formação de cooperativas, as quais tinham o intuito de suprir as necessidades dos que enfrentavam tais problemas.

Vamos aqui, com relação ao fenômeno do cooperativismo, priorizar os aspectos doutrinários, românticos e utópicos, mas não esqueçamos que se tratando de um fenômeno social complexo como é, e ademais para que não nos resulte deficiente nossa forma de vê-lo, consideraremos alguns aspectos sob o prisma de uma empresa, adequando as duas vertentes à necessidade de ações para transformar a realidade de duas comunidades forma-

---

<sup>2</sup> Emic (perspectiva do ator) e Etic (perspectiva do observador).

das por indígenas e quilombolas<sup>3</sup>, localizadas na cidade de Aquiraz, no estado do Ceará.

Considerando o pensamento de Klaes, que defende que o cooperativismo é tão natural que até mesmo os animais compartilham de sentimentos de ajuda mútua, de solidariedade e de cooperação, nos apoderamos desse pensamento porque acreditamos ser uma maneira de despertar sentimentos positivos para o tipo de ações que acreditamos interessantes de serem aplicadas nas referidas comunidades. Como tratamos com pessoas numa condição muitas vezes inimagináveis, onde dizer anima-te pode soar como “piada”, nada melhor que considerar o exemplo como ensinamento, assim como defendemos dever ser também a educação nas duas comunidades com relação a seus conhecimentos campestinos. Segundo Klaes (2005):

Manifestações do instinto de ajuda mútua têm-se profundas em toda a natureza e até nos últimos degraus da vasta escala dos seres vivos. Subindo-a paulatinamente, até atingir os animais superiores, encontram-se provas inconcussas de instinto, de hábitos de solidariedade e de apoio recíproco. São clássicos os exemplos da formiga precavida e laboriosa e da abelha ativa, símbolos do espírito de associação, de tenacidade, de trabalho incessante e de inteligência ao serviço de uma causa comum. (...) conforme o exposto, não há dúvida sobre a tendência do homem em buscar sanar as exigências que o meio ambiente lhe impõe, por meio de uma ação grupal, pois, assim é, talvez, mais fácil. Por isso, cooperativismo é um fenômeno que tem acompanhado a evolução do homem desde seus primórdios. (KLAES, 2005: p.32-34).

O cooperativismo, enquanto doutrina, teoria, sistema ou movimento associativista de trabalhadores, é um fenômeno moderno oriundo da oposição operária às consequências do liberalismo econômico praticado na Inglaterra e na França do século XVIII e XIX e pode ser entendido como um movimento social que procurou, através da associação, fugir de uma opressão social resultante do capitalismo concorrencial daquela época. Ademais que se difundiu como uma opção aos excessos oriundos do liberalismo, mas sem suprimir a propriedade privada almejada pelo socialismo.

Vale ressaltar que movimentos sociais constituem um fenômeno imprescindível para se conseguir entender e explicar a dinamicidade e o caminho das mudanças social, política e cultural. Em seus triunfos e suas derrotas, as distintas “famílias” dos movimentos – aqui com destaque para as comunidades indígenas e quilombolas – têm contribuído para instituir numerosos aspectos do mundo social em que hoje vivemos. Além desses movimentos serem ainda produtores de conhecimento que se projeta neles mesmos, em suas urgências políticas e nas complexas conceituações sobre a natureza, a sociedade e a cultura, pois expressam sem intermediário o cérebro social político, a inovação e a criatividade política e social.

É possível surgir, portanto, o cooperativismo como um movimento social produzido por uma época de pós-

---

<sup>3</sup> As comunidades quilombola Lagoa de Ramos e Goiabeiras, e indígena Jenipapo-Kanindé, são formadas por pouco mais de 600 habitantes e estão situadas próximo ao quinto maior centro urbano do Brasil, e além da luta por um reconhecimento identitário e territorial, lutam também pela manutenção de sua cultura, pois são cientes que, sem tal preocupação, poderiam deixar de existir. Assim como a grande parte da população de Aquiraz, especialmente a que vive na zona rural (7,6% da população) do município, essas duas comunidades ficam vulneráveis à perda de força na luta por sua sustentabilidade, pois além de se tratar de comunidades pobres como já dito, são submetidas a uma educação limitada e desestruturada, com a qual cada vez mais correm o risco de serem “engolidas” pelo crescimento urbano acelerado. O Índice de Desenvolvimento Humano do Município, demonstra claramente tratar-se de uma região onde as pessoas ganham pouco, tem uma baixa escolaridade e como apresentam uma longevidade maior, passam por muitas dificuldades na vida adulta.

simas condições de vida da classe trabalhadora o que muito contribuiu para o aparecimento da proposta defendida por defensores do socialismo utópico como Robert Owen (1771-1858) e Charles Fourier (1772-1837), eles que são apontados na doutrina por Fábio Luz Filho como os principais responsáveis pela difusão do cooperativismo como hoje é conhecido, de um ideal alternativo ao individualismo que passaria a ser representado pelo cooperativismo e uma organização alternativa à empresa capitalista, conforme defende Diva Pinho, as organizações cooperativistas.

A autora, faz distinção entre cooperativismo e cooperativa afirmando que não se trata de sinônimos:

Etimologicamente cooperação (do verbo latino cooperari, de cum e operari – operar juntamente com alguém) significa a prestação de auxílio para um fim comum. E cooperativismo é a doutrina que visa à renovação social através da cooperação. Do ponto de vista sociológico, cooperação é uma forma de integração social e pode ser entendida como ação conjugada em que pessoas se unem, de modo formal ou informal, para alcançar o mesmo objetivo. A cooperação, quando organizada segundo estatutos previamente estabelecidos, dá origem a determinados grupos sociais. Dentre tais grupos as cooperativas representam aqueles que visam, em primeiro lugar, a fins econômicos e educativos. A doutrina que deu base teórica às realizações cooperativistas constitui o cooperativismo. Portanto, cooperação e cooperativismo não são palavras sinônimas. Entretanto, o termo cooperação tem sido geralmente usado como equivalente de cooperativismo. É o que se verifica em Gide, Gaumont, Lavergne, Lasserre, Poison, Broukère, Totomianz, Borea – para citar apenas alguns exemplos – e também autores brasileiros tais como Saturnino Brito, Srandy Raposo, Valdiki Moura e outros; e, embora com menos frequência, como equivalente de cooperativa. (Pinho, 1966, p.7).

É para que melhor entendamos e assim possamos trabalhar o tema nas comunidades de que tratamos, devemos fazer uso da definição de cooperativismo no sentido doutrinário, visando a correção do social pelo econômico, e a união entre homens de todos os credos e cores, por intermédio da cooperativa enquanto sociedade de pessoas organizadas em bases democráticas que visam tanto suprir as necessidades de seus integrantes como também a realização de determinados programas educativos e sociais, para reduzir o abismo entre as classes sociais.

Quiçá o fenômeno do cooperativismo, como defendia o ex-ministro da Agricultura no Brasil, Roberto Rodrigues, se transforme na grande e poderosa doutrina utilizada na defesa da democracia e da paz, indo, portanto, contra a concentração de renda e a exclusão social, produzindo assim mais felicidade no mundo inteiro.

Conhecendo as duas comunidades, pudemos observar em especial na comunidade quilombola de Lagoa de Ramos e Goiabeiras, péssimas condições de vida, o que só veio a somar para que optássemos pela valorização do prisma romântico do tema, pois com os problemas surgidos na Associação Comunitária<sup>4</sup> lá existente, teve como consequência um grande descrédito por parte da comunidade, o que vem impedindo a harmonia, a disposição e a confiança tão necessárias para unir ideias e ações na busca de conquistas concretas. Nas palavras da presidente da Aquilargo, falando sobre as dificuldades que enfrentam com a precariedade da oferta de serviços

<sup>4</sup> AQUILARGO – Associação dos Quilombolas de Lagoa de Ramos e Goiabeiras

básicos como saúde, moradia, transporte e principalmente educação, além da incredibilidade no associativismo que resultou na exclusão da comunidade da participação em programas que antes eram contemplados, mas de acordo com o entendimento dos membros da comunidade muito pode melhorar. A presidente falava ainda da necessidade que muitos da comunidade sentem de mudar a situação em que se encontram, foi então que surgiu o tema cooperativa, como uma provável alternativa de transformação da realidade, ainda que desconheçam quais os procedimentos para formar uma associação desse tipo, ou provavelmente o que é ou como funciona uma cooperativa.

A realidade da comunidade indígena é diferente, sendo melhor estruturada que a quilombola. Atualmente a estrutura social da comunidade Jenipapo-Kanindé, é formada pela Associação de Mulheres Indígenas Jenipapo-Kanindé (AMIJK), que foi criada em 2004, com o intuito de defender os direitos da comunidade, e conforme seu documento de fundação visa a:

“(...) defender não somente os direitos das mulheres indígenas, mas também melhorar a qualidade de vida na comunidade, promovendo a cultura nativa, a paz e o combate ao uso abusivo de bebidas alcoólicas, com parcerias de órgãos não indígenas, como por exemplo, as universidades e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais” (Estatuto da Associação das Mulheres Indígenas Jenipapo-Kanindé, 2004).

Vale aqui mencionar que a grande maioria dos alunos estão desmotivados com a falta de perspectivas com a conclusão do ensino fundamental, por exemplo<sup>5</sup>.

Vislumbramos a concretização de ações relacionadas com a formação de cooperativas nas comunidades estudadas, com base no posicionamento de Diva Benevides Pinho, quando fala também em pré-cooperativas, fazendo menção a iniciativas contra as péssimas condições de vida dos trabalhadores, se referindo às primeiras experiências de cooperativas, que surgem no final do século XVIII e início do século XIX na Inglaterra, França, Alemanha e em outros países da Europa.

De acordo com a autora, houve alguns consideráveis êxitos e cita como exemplo a Cooperativa de consumo do “Pobros Pioneiros de Rochdale”<sup>6</sup>, a qual teve seu sucesso transformado em símbolo, pois foi a partir dos “Pobros Pioneiros” que os valores (solidariedade, igualdade, fraternidade, democracia, equidade, responsabilidade social, transparência) e os princípios (adesão livre e voluntária, controle democrático pelos sócios, participação econômica dos sócios, autonomia e independência, educação, treinamento e informação, cooperação entre cooperativas, preocupação com a comunidade) foram elaborados e são, até hoje seguidos.

Assim como Fábio Luz Filho destaca entre muitos outros, Robert Owen e Charles Fourier, como percursores

---

<sup>5</sup>Na comunidade Lagoa de Ramos e Goiabeiras a Escola E.E.F. José Raimundo da Costa, embora haver quem defenda como suficiente para a comunidade, destacamos que atende somente às crianças porque trata-se de uma escola de ensino fundamental. E quando crescerem as crianças, fazer o quê? E na comunidade Jenipapo-Kanindé mesmo contemplando o ensino médio, termina por deixar sem opção os jovens que concluem, pois, as dificuldades se evidenciam, seja na tentativa de ingresso nas universidades, seja na tentativa de ingresso no mercado de trabalho, ou nos dois ao mesmo tempo como a realidade brasileira obriga.

<sup>6</sup> Cooperativa constituída em 21 de dezembro de 1844, na cidade de Rochdale, na Alemanha. Esta cooperativa foi fruto da iniciativa de 28 operários do setor têxtil, que buscavam melhorar

do cooperativismo, Diva Benevides Pinho, defende o estudo do economista Charles Gide (1847 – 1942), em que esse conteúdo doutrinário foi sistematizado num programa com base nos consumidores que transformaria a sociedade, eliminaria os conflitos e as injustiças sociais, numa solução pacífica sem expropriação, concepção que passou a ser difundida pelo mundo com a incorporação da Aliança Cooperativa Internacional (ACI).<sup>7</sup> Assim, o atual espírito cooperativista foi influenciado pelos princípios de “Rochdale”, que podem ser sintetizados como o ideário da solidariedade e do apoio mútuo, com que costuma ser conceituado na doutrina, utilizando a máxima “Um por todos e todos por um”, expressão de um dos principais doutrinadores nacional do cooperativismo, o autor Walmor Franke, que utilizou esse lema para ilustrar a doutrina.

“A moral cooperativa, como acentua o Professor Lassere, é, ao mesmo tempo, a auto-ajuda, a dignidade e o elevado sentimento de libertar-se por seu próprio esforço e pela solidariedade, de acordo com o lema: cada um por todos e todos por um”. (Franke, 1985: p.12).

Com uma visão mais voltada para a cooperativa como empresa, os autores Ricciardi e Lemos se valem da economia para elaborar um conceito de cooperativismo, e destacam que nesse fenômeno há prevalência do trabalho sobre o capital, e ainda que não exista obstáculo algum à propriedade privada ou à livre iniciativa; no entanto, o emprego solidário de esforços e recursos gera cooperação.

Para os autores:

○ cooperativismo utiliza um método de trabalho conjugado, ao mesmo tempo em que pode ser visto como um sistema econômico peculiar, em que o trabalho comanda o capital. É que as pessoas que se associam cooperativamente são as donas do capital e as proprietárias dos meios de produção (terras, máquinas, equipamentos, instalações e outros), além de serem a própria força de trabalho. Como essa disposição de se associarem tem o objetivo de realizar um empreendimento que venha a prestar serviços mútuos, é óbvio que essa união busca a elevação dos padrões de qualidade de vida dos associados.

(...)

○ cooperativismo não apregoa a extinção da propriedade privada nem antepõe empecilhos à iniciativa e às liberdades individuais. Porém, como é uma doutrina econômica que privilegia o social, motiva os indivíduos no sentido de procurarem atender às suas necessidades em solidariedade com os demais. Assim tudo fica mais fácil, pois em grupo as forças se multiplicam e os resultados alcançados são bem melhores. Em outras palavras, o cooperativismo não condena a riqueza, mas estimula o seu uso em benefício de todos. Respeitando os esforços e méritos individuais, é uma economia racional e inteligente que combate o egoísmo exacerbado e a ambição desmedida. (RICCIARDI e DE LEMOS, 2000: pp. 54/59).

**De acordo com os referidos autores, de todas as teorias surgidas a partir do capitalismo e do socialismo, com**

---

suas vidas. Então em 24 de outubro de 1844 foi fundada “Rochdale Society Equitable Pioneers Limited”. Em 21 de dezembro do mesmo ano começou a funcionar como armazém cooperativo. Iniciou com um capital de 28 libras, o suficiente apenas para comprar uma pequena quantidade de manteiga, farinha de trigo, aveia e vela. A sociedade cresceu rapidamente. Em 1845 eram 80 associados, enquanto o capital atingia 180 libras. Em 1851 já contava com 630 associados. Em 1857 atingiu 1850 associados. Depois de dez anos atingiu um número impressionante de 5.300 associados. (Pinho, 1966).

<sup>7</sup>ACI é uma entidade internacional de representação das cooperativas fundada em 1895 de viés Gideano, ou seja, defende a hegemonia do consumidor. Isto significa que defende uma linha mais reformista do movimento ao contrário da linha defendida pelo modelo cooperativista de produção. (Pinho, 1982, p.36-60).

nenhuma se conseguiu que na prática se efetivasse a valorização social do ser humano. Para eles o cooperativismo como se dá rompe a “exploração do homem pelo homem”.

## 2. Cooperativismo em Aquiraz-CE: Atualidade e Perspectivas

Falar de Cooperativismo em Aquiraz é falar da existência de somente quatro cooperativas<sup>8</sup> de acordo com as informações da OCB-Ce. O que significa que é um assunto muito pouco disseminado naquela região. Em termos proporcionais, temos 1,6% das cooperativas do Estado do Ceará, funcionando em Aquiraz, e vale ressaltar que apenas 2 (dois) dos 13 (treze) setores econômicos abrangidos pelo segmento cooperativista estão presentes ali.

Diante do exposto sobre o que é o cooperativismo, o que é uma cooperativa, da existência de um reduzido número delas em Aquiraz, e do interesse demonstrado pelas comunidades nessa modalidade de organização como uma possibilidade, de fuga da precária situação em que se encontram, consideramos que vários pontos devem ser ponderados. Primeiro que é pouco provável que das cooperativas que existem no Município atualmente, alguma pudesse satisfazer aos interessados, pois são dos setores de transporte e de prestação de serviços, quando o ideal tanto para os indígenas como para os quilombolas é que sejam criadas cooperativas de trabalho multiprofissionais onde seria possível uma melhor exploração das atividades hoje desenvolvidas de maneira individual, bem como dos potenciais inexplorados. Outro ponto a se ponderar é escolher as melhores opções que serão viáveis tanto economicamente quanto em termos de organização das pessoas.

As expectativas são as melhores possíveis, pois existe o interesse mútuo, na realização de cursos que os ajudem a decidir sobre que ações priorizar de modo a contribuir para a mudança do cenário em que estão vivendo atualmente.

No entanto, consideramos ser necessário chamar atenção das duas comunidades sobre o fato de que, na doutrina cooperativista, alguns autores costumam alertar sobre a constituição de cooperativas por lideranças que lutam por interesses individuais, o que normalmente é fadado ao fracasso, pois tanto as lideranças como os associados, de modo geral, devem buscar interesses comuns. Ou seja, a cooperativa deve nascer “de baixo para cima”, devendo todas as pessoas envolvidas estarem conscientes de suas responsabilidades, participando ativamente como verdadeiros empreendedores, em busca de resultados econômicos, sociais e culturais. Além de ser de extrema importância que, consulte-se as entidades que tem por finalidade esclarecer dúvidas quando da formação da mesma.

Diante do exposto, e considerando que o despertar para o cooperativismo entre as comunidades se iniciou com nossa intermediação, as perspectivas de que se utilizando da ferramenta da educação, uma das mais po-

---

<sup>8</sup>CERVA - Cooperativa de Eletrificação Rural Vale do Acaraú, situada à Av. Santos Dumont 55 – Centro, Aquiraz;

Cooperativa dos Produtores de Castanha, situada à rua Pedro Brasil 399a – Centro, Aquiraz;

COOTAQ - Cooperativa de Transportes do Aquiraz, situada à Av. Torres de Melo, 607 – Centro, Aquiraz;

COOPERDUNAS - Cooperativa de Taxi do Porto das Dunas, situada à Av. Caminho do Sol, 6650, Porto das Dunas, Aquiraz.

derosas armas que se pode utilizar para mudar o mundo, como bem dizia Nelson Mandela<sup>9</sup>, relacionada com os argumentos dos sete saberes<sup>10</sup> necessários para a Educação do Futuro, de acordo com Edgar Morin (2007), quando trata da inserção na pedagogia. Entre outros, o saber de como enfrentar as incertezas, acreditamos que muito poderá ser aplicado, contribuindo para a obtenção de resultados positivos.

Ademais existe perspectivas de que tais comunidades podem ser inseridas em uma discussão mais ampla sobre o multiculturalismo crítico ou intercultural<sup>11</sup>, como uma forma de repensar a educação aplicada em ambas etnias, sendo levada em conta a educação como uma forte contribuição para o desenvolvimento local. O entendimento, portanto, é de que deve ser uma obrigação do Estado atender aos apelos dos desiguais através de políticas públicas, em questões relacionadas aos direitos fundamentais como educação, saúde, etc.

Nos fortalece e nos encoraja mais ainda nessa busca por mudanças na vida dos quilombolas e indígenas de Aquiraz através da educação intra e intercultural, o posicionamento do autor Jesús M. Aparicio Gervás, em seu texto: *La educación intercultural en la cooperación al desarrollo de América Latina*, onde se referindo ao caso concreto da UNIBOL – Universidade Indígena Boliviana<sup>12</sup>, afirma que:

*De todos modos, algún cambio se está generando en la sociedad latinoamericana cuando, desde un tiempo a esta parte, las minorías étnicas (en algunos casos mayoritarios) están intentando acceder a los niveles educativos de mayor rango. (GERVÁS, 2011).*

E o autor continua evidenciando a situação na sociedade boliviana, local de seu trabalho de campo, dada sua heterogeneidade étnica, mas ampliando para a América Latina em geral:

*Estamos seguros de que dentro de no mucho tiempo el indigenismo en América Latina ocupará, afortunadamente, el lugar que le debe corresponder tanto el campo de la política como en los de la economía, el trabajo, la educación y la sanidad. (GERVÁS, 2011).*

Não só acreditamos na possibilidade da formação e fundação de cooperativas nas comunidades quilombolas e indígenas em Aquiraz, como uma forma de mudança de vida para ambas, como vemos na oportunidade de conhecê-las e difundi-las, a possibilidade de através da Educação intercultural iniciar a caminhada que pro-

---

<sup>9</sup>Maiores informações sobre o mais importante líder da África Negra, encontram-se no link: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Nelson\\_Mandela](https://pt.wikipedia.org/wiki/Nelson_Mandela)

<sup>10</sup> Os sete saberes necessários à educação do futuro, de acordo com Edgar Morin, não correspondem a um credo, como algo que deva ser aplicado nas escolas. Correspondem a inspirações, modalidades que devem excitar o educador a redefinir sua posição naquela. São eles: O Conhecimento, o Conhecimento Pertinente, a Identidade Humana, a Compreensão Humana, a Incerteza, a Condição Planetária e a Antropo-ética.

<sup>11</sup>No multiculturalismo crítico, defende-se que a desigualdade está historicamente determinada pela natureza das contraditórias relações sociais. O termo pode ser entendido ainda a partir da consideração de Vera Maria Candau quando identifica o multiculturalismo interativo, também denominado intercultural, o que se aproxima da noção de multiculturalismo crítico de Peter McLaren, citado anteriormente. Vale ressaltar que trata-se de “[...] um multiculturalismo aberto e interativo, que acentua a interculturalidade, por considerá-la a mais adequada para a construção de sociedades, democráticas e inclusivas, que articulem políticas de igualdade com políticas de identidade”. (CANDAU, 2008).

<sup>12</sup>Na Universidade Indígena, o objetivo, parafraseando à professora Ana Cayampi, apud Jesús Aparicio, se apoia nos princípios seguintes: “reconstruir las identidades indígenas; desarrollar conocimientos científicos, saberes y tecnologías orientados por criterios comunitarios bajo principios de complementariedad, **trabajo cooperativo**, responsabilidad individual y colectiva, y finalmente, encontrar el equilibrio con la naturaleza” (CAYAMPI, apud GERVÁS, 2011). (Grifo nosso para chamar atenção para uma forma vislumbrada de implementação a posteriori nas comunidades estudadas).



porcionará a transformação da multiculturalidade<sup>13</sup> para a interculturalidade<sup>14</sup> daquele pedaço do Brasil, pois segundo Aparício: *Uno de los primeros pasos para trabajar la Educación Intercultural, no nos resta la menor duda que es el del conocimiento de la realidad del otro (GERVÁS, 2006:141).*

Definitivamente, nos colocamos aqui numa posição aparentemente utópica, porém possível, a de uma interculturalidade efetiva, em oposição às críticas que fazemos à educação hoje trabalhada nas duas comunidades, e damos ênfase a muita coisa que precisa mudar. Importante ressaltar que muitos estudos já demonstraram que a realidade na América Latina vem mudando, pois desde um certo tempo as minorias étnicas estão tentando acessar aos níveis educativos mais avançados. E essa vontade e determinação estão presentes nas duas comunidades, nos chamando mais atenção o empenho e interesse da comunidade Jenipapo-Kanindé para poder alcançar um maior grau de formação pessoal e profissional.

### Considerações Finais

As Comunidades indígena e quilombola de Aquiraz-Ce ainda sofrem com a situação de extrema pobreza, assim que a criação de cooperativas, resultaria em ganhos para ambas, bem como para todo o município.

Consideramos o espaço educacional como o mais apropriado para que sejam feitas as negociações e as construções de experiências e saberes, e entendemos o educar como uma maneira de oportunizar que o saber seja produzido a partir das relações sociais. Com isso, as duas comunidades, que almejam levar a cabo a criação das cooperativas, com maior interesse nas cooperativas de trabalho que parece ser o setor mais viável para desenvolver as comunidades, tendo em vista que atividades como as ligadas à agricultura e ao turismo são bastante promissoras no meio em que vivem, se utilizarão da educação para abrirem os olhos para o desconhecido, pois aquela trata-se de uma ferramenta ideal para lograr novas perspectivas de futuro, atendendo diferentes elementos e rompendo com esquemas tradicionais.

### Referências

BRASIL. Lei nº 9.394/1996: **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília. 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Brasília: Senado Federal. 1988.

---

<sup>13</sup>Multiculturalidade é entendida como a presença de culturas heterogêneas em espaços comuns de coexistência. (Gervás, 2011). (Tradução nossa). Vale ressaltar, de acordo com o link [ap12d.blogspot.com.es/2011/02/definicao-de-multiculturalidade.html](http://ap12d.blogspot.com.es/2011/02/definicao-de-multiculturalidade.html), a definição de multiculturalidade como um termo utilizado para descrever a existência de variadas culturas numa certa cidade, região ou até mesmo país, sem que nenhuma dessas culturas predomine sobre as outras.

<sup>14</sup>Interculturalidade é entendida como a relação de convivência pacífica de culturas heterogêneas, baseadas no diálogo multidireccional entre elas. (Gervás, 2011) (Tradução nossa).

BRASIL. **Estatuto do Índio**, Portaria 14/96. 1973. Disponível em: [http://óccr.prg.mpf.gov.br/legislação/legislacaodocs/demarcaçã/portaria\\_funai\\_14.pdf](http://óccr.prg.mpf.gov.br/legislação/legislacaodocs/demarcaçã/portaria_funai_14.pdf)

BRASIL. Leis, Decretos. **Lei cooperativista** n. 5.764 de 16/12/1971. Brasil: Inbra. 1971.

CANDAU, V. M. **A diferença está no chão da escola**. In: Anais IV Colóquio Luso-brasileiro sobre Questões curriculares e VIII Colóquio sobre Questões Curriculares. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. 2008a.

CANDAU, V. M. **Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença**. Revista Brasileira de Educação, v.13, n. 37. 2008b.

DELLA FONTE, Soares S. e LOUREIRO, R. **Educação escolar e o multiculturalismo intercultural: crítica a partir de Simone Beauvoir, Pro-Posições**. Campinas: v.22, n.3 (66), p. 177-193. set./dez.2011.

**Estatuto da Associação das Mulheres Indígenas Jenipapo-Kanindé**, 2004.

FLEURI, R. **Intercultura e Educação**. In: Revista Brasileira de Educação, nº 23. Maio/Jun/Jul/Ago, 2003.

FRANKE, W. **A influência rochdaleana na legislação cooperativista brasileira e problemas atuais**. In: De Rose, M. T. (org.). A interferência estatal nas cooperativas aspectos constitucionais, tributários, administrativos e societários). Porto Alegre: Fabris. 1985.

GAWLAK, A. e GAWLAK, F. **Cooperativismo: primeiras lições**. Brasília: SESCOOP. 2004.

GARCÍA, T. V. **Diversidad Cultural, educación intercultural y currículo**. In: Interculturalidad, Educación y Plurilingüismo en America Latina. Madrid: Pirámide. 2011.

GERVÁS, J.M. Aparício. (Dir.). **Interculturalidade, Educación y Plurilingüismo en América Latina**. Madrid: Junta de Castilla y Leon. 2011.

GERVÁS, J.M. Aparício e DELGADO, M. Á. **Multiculturalidad, Interculturalidad e Intraculturalidad**. Revista E20 Año V-número 9. 2011.

KLAES, L.S. **Cooperativismo e ensino a distância**. (Tese de Doutorado em Engenharia de Produção). UFSC. Florianópolis/SC. 2005.

LOPÉZ, L. E. (editor). **Interculturalidad, educación y ciudadanía Perspectivas latinoamericanas**. FUNPROEIB Andes, Bolívia: Plural Editores. 2009.

LUZ, F. **Teoria e pratica das sociedades cooperativas**. 4. ed. Rio de Janeiro: Pongett. 1953.

MCLAREN, P. **Multiculturalismo crítico**. 3ed. Instituto Paulo Freire, Cortez, São Paulo. 2000.

MARTINS, R. V. Aquiraz-BR: **Uma Cidade Multicultural rumo à Interculturalidade**. O Caso de Duas Minorias Étnicas. Dissertação (mestrado) – Universidad de Salamanca, Facultad de Ciências Sociais. Salamanca - ES. 2014.

MENEZES, A. **Cooperativismo para escolas de II grau**. Brasília, DF: OCB. 1992.

MOREIRA, A.F.B. e CANDAU, V.M. **Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos**. Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro. 2003.

NASCIMENTO, F. R. **Cooperativa como alternativa de mudança: uma abordagem normativa**. Rio de Janeiro: Forense. 2000.

PINHO, D. B. **A doutrina cooperativa nos regimes capitalista e socialista**. 2. ed. São Paulo: Pioneira. 1966.

PINHO, D. B. **O pensamento cooperativo e o cooperativismo brasileiro**. 18 ed. São Paulo: CNPq. 1982.

RICCIARDI, L. e DE LEMOS, R. J. **Cooperativa, a empresa do século XXI: como os países em desenvolvimento podem chegar a desenvolvidos**. LTr. São Paulo. 2000.

SCHENEIDER, J. (coordenador). **Educação e capacitação cooperativa: os desafios no seu desempenho**. São Leopoldo: UNISINOS. 2010.